



## A Santa Sé

---

***RADIOMENSAGEM DO PAPA PIO XII  
AOS FIÉIS DE GOA POR OCASIÃO  
DAS CELEBRAÇÕES EM HONRA  
DE SÃO FRANCISCO XAVIER (\*)***

*Domingo, 3 de Dezembro de 1952*

*Veneráveis Irmãos e amados Filhos!*

*Devotos e admiradores de S. Francisco Xavier,*

Quantos hoje em número incontável vos achais reunidos na Velha Goa, adentro da majestosa Catedral e, fora dela, à sombra dos religiosos monumentos, que ai estão atestando aos séculos a fé e piedade dos maiores!

Desta Roma que vos enviou Francisco Xavier, e para a qual ele vos ensinou a olhar constantemente, como para o farol de verdade salvadora, chegue até vós a Nossa palavra, para vos dizer todo o afecto paterno, com que o Vigário de Jesus Cristo vos ama, e convosco venera as sagradas relíquias do grande Apóstolo do Oriente e enaltece as suas glórias.

Quando há quatro séculos, tal dia como hoje, Francisco Xavier morria às portas da China, dir-se ia morto com ele e desvanecido como um sonho o sublime ideal que o animava, de sujeitar à Cruz de Cristo todo o Oriente recentemente descoberto.

Havia dez anos apenas que aportara à Índia. Dez anos de incessantes correrias apostólicas, arrostando as tempestades de todos os mares, suportando imensos trabalhos e contínuos perigos de morte em todas as terras.

Impelido da « necessidade que tinha, de perder a sua vida temporal para socorrer a vida espiritual do próximo » (*G. Schurhammer - I Wicki, S. I., Epistolae S. Francisci Xaverii, Romae 1944, Epist. 55, t. 1 p. 325*), e utilizando « todo o favor e ajuda que o Rei e a Nação portugueses, como tão

desejosos de ver todas essas partes de infiéis convertidas à Fé de Cristo Nosso Redentor, com muita abastança, muita caridade e amor punham à sua disposição » (*Epist. 48 op. c. t. II p. 273*) viram-no chegar, deter-se, prosseguir - Moçambique, Socotorá, Goa, Travancor, a Costa da Pescaria e Cabo de Comorim, Ceilão, Malaca, Amboino, Molucas, Moro, e lá nos berços do sol, mal descoberto ainda, o Japão.

Forçado e esforçado da caridade de Cristo, como o Apóstolo das Gentes (*2Cor. 5, 14*), sentia-se chamado a explorar e desbravar e lançar à terra as primeiras sementes, deixando aos continuadores da sua obra o cuidado de regar e cultivar e colher os frutos.

Quando porém o zelo insaciável o impelia para a China, « desamarrado de todo o favor humano » (*Epist. 125 op. c., t. II p. 472*) e oferecido a toda a sorte de cativeiros e cadeias e tratos e martírios (cfr. *Epist. 135 op. c., t. II p. 512; Epist. 131 op. c., t. II p. 493 s.*), na convicção de que, abraçando ela o Evangelho, faria ajoelhar toda a Ásia aos pés de Cristo, a inescrutável Providência diz-lhe : Basta!, e a morte colhe-o só, desvalido de todo o conforto humano, numa ilha deserta daqueles mares.

Morre!

Mas o Oriente todo, testemunha e teatro do seu incomparável apostolado, deslumbrado pelos incêndios do seu zelo e mais pelos fulgores de sua santidade, teve logo a intuição de que aquela morte era antes o princípio de uma nova e mais operosa vida.

Já o transporte fúnebre das suas relíquias foi um triunfo. Malaca, que fora o seu último Calvário, foi a primeira a glorificar *o Padre Santo* e a gozar dos seus milagres.

Goa tributou-lhe, a título de exéquias, o maior triunfo, qual nem os capitães mais venturosos, nem os maiores vice-reis e príncipes tinham visto ou veriam jamais. O concurso gigantesco e ininterrupto daqueles três dias, a venerar os despojos mortais do *Padre Santo*, preludiava aos imensos concursos de centenas de milhares e de milhões de peregrinos, que periódicamente se haviam de repetir até ao dia de hoje.

Depois, as graças extraordinárias, que se multiplicam à invocação do seu nome, ao contacto das suas relíquias, junto do seu túmulo ou nos lugares particularmente santificados pela sua presença, se provam que morto vive em Deus, difundem o seu culto, com vantagem da fé, entre cristãos e não cristãos de todas as estirpes e nacionalidades.

Mas é sobretudo o seu exemplo conquistador, o seu espírito, que, comunicando-se a legiões de apóstolos continua o seu apostolado póstumo. Outrora não partiam de Lisboa novos arautos do Evangelho, que não fossem junto do seu altar implorar-lhe a protecção e jurar seguir-lhe as pisadas. Desembarcados em Goa, acorriam ao Bom Jesus, para ali, junto do seu sepulcro, se

embeberem do seu espírito e se inflamarem mais vivamente do seu zelo. Gonçalo da Silveira no Monomotapa, Oviedo e Apolinar de Almeida na Etiópia, Rudolfo Acquaviva na fastosa corte do grande Akbar, Nóbili e Brito, Alvares e Abreu na Índia e Tonkim, Ricci, Spínola, Mastrilli e tantos e tantos outros Missionários e Mártires, que são senão a sobrevivência do espírito de Xavier, o prolongamento do seu apostolado?

E não só os irmãos de armas da que ele chamava « a santa Companhia do Nome de Jesus », mas todas essas legiões de apóstolos de todas as Ordens e Congregações religiosas: haverá alguns a quem os Superiores, mandando-os com a bênção de Deus ao Oriente, não tenham dito, como S. Vicente de Paulo aos seus Padres, enviando-os a Madagascar : « O vosso primeiro cuidado seja modelar os vossos passos pelo exemplo do grande S. Francisco Xavier »?

E os frutos do apostolado aí estão.

E verdade que cinquenta ou setenta anos depois da morte de Xavier sobrevêm tempos difíceis a quase todas as cristandades por ele fundadas. Na Costa da Pescaria e Travancor os inimigos da verdadeira Fé metem a duríssima prova os fiéis : corre em abundância o sangue dos mártires; mas a cristandade resiste, vence, multiplica-se; e hoje, quatro séculos volvidos, aí estão eles, católicos ferventes, gloriando-se de serem por antonomásia « os filhos de S. Francisco Xavier », e dão à Igreja o primeiro Bispo indiano e ao Governo civil o primeiro Ministro católico.

Nas ilhas do Pacífico, diminuído o prestígio lusitano, retomam o predomínio os implacáveis inimigos da Cruz, e declaram guerra de extermínio aos cento e cinquenta ou duzentos mil católicos, em que se tinham multiplicado os vários núcleos plantados por Xavier. O sultão de Ternate passa sessenta mil aos fios da espada; duas das ilhas de Moro são literalmente despovoadas. A cristandade de Amboino, Celebes e Moluco fenece, mas deixando no martirologio da Igreja uma página gloriosa, escrita com o sangue dos seus mártires; - porque eles, como aquele heróico cristão de Amboino, embora « pobres filhos das selvas e ignorantes, uma coisa sabiam que Lhes ensinara o Padre Mestre Francisco : sabiam que era coisa boa dar a vida por Jesus Cristo » (*Nuovi Avisi delle Indie* - Quarta parte, Venetia, 1566 f. 102).

E o Japão? As rissonhas esperanças de Xavier eram uma profecia. Poucos anos volvidos, os mil cristãos que ele lá deixara, crescem a setecentos ou oitocentos mil, aspirantes todos a virtude heróica e sedentos de martírio. E a perseguição rebenta. Duzentos e cinquenta anos de perseguição implacável, metódica, refinadamente cruel, uma das mais terríveis que nunca sofreu a Igreja. Então os fiéis, pela pena de um deles, « dão graças a Deus de que pelos méritos do Padre Mestre Francisco e pela Misericórdia divina, agora são verdadeiros discípulos de Jesus Crucificado, e esperam sê-lo constantes até ao fim » (*Lettera originale dei Cristiani di Miyaco al P. Generale S. I.*, 10 Magg. 1588 - *Arch. Rom. S. I.*, lap. - Sin. 186). Entretanto o mar de sangue cresce, cresce sempre e acaba por submergir nos seus vórtices a cristandade japonesa. E todavia, milagre da graça! ela não desaparece de todo: sobreviveu e sobrevive nos trinta ou

quarenta mil cristãos que, « errando nas solidões, acolhendo-se aos montes, refugiando-se nas grutas e cavernas da terra » (cfr. *Hebr.* 11, 38), conseguiram salvar até aos nossos dias as relíquias da Fé dos avós, 1á pregada por Xavier.

E Goa, essa imperial Goa, a quem Xavier com tanto entusiasmo consagrou as primícias do seu zelo na Índia, que tanta vez e com tanto amor voltou a edificar com heróicas virtudes e fadigas apostólicas, Goa que se ufana de possuir nas suas relíquias o maior tesouro do Oriente e a mais segura garantia da paz e prosperidade dos seus moradores, não lhe deve a ele, mais que a ninguém, o ter sido durante dois longos séculos o mais potente foco de irradiação do Evangelho por toda a Ásia e Indonésia, e ser ainda hoje, graças à viva fé e religiosidade dos seus filhos, a cidade e arquidiocese onde mais numerosas desabrocham as vocações religiosas e sacerdotais, a ponto de ter enviado generosamente muitos operários evangélicos a outras partes da grande Índia mais falhas de clero?

O apostolado póstumo de Xavier! É sobretudo por ele, que « a sua glória cresce de geração em geração », circundando da mais refulgente auréola as relíquias do grande apóstolo e modelo de apóstolos.

Oh ! praza aos céus que este quarto centenário do seu bem-aventurado trânsito, celebrado quando uma nova e tremenda borrasca esbraveja sobre tantas Missões católicas, sirva a crescer cada vez mais a confiança no seu patrocínio; para que venha em auxílio dos pacíficos exércitos de Deus, tão duramente provados, para que suscite por toda a Igreja numerosas e selectas vocações missionárias, quais o mesmo Xavier as desejava, capazes de assimilar e realizar os grandes ideais por que ele combateu e morreu.

Pelos méritos do grande Taumaturgo desçam copiosas as bênçãos do céu sobre as terras da Península Ibérica, Espanha e Portugal, que em Francisco Xavier deram à Ásia o seu segundo Apóstolo; sobre o Nosso digníssimo Legado, sobre todos vós, Veneráveis Irmãos e amados Filhos; sobre a arquidiocese de Goa que se ufana de guardar suas relíquias e de o venerar como especialíssimo Protector; sobre todos os povos da vasta Índia e de todo o Oriente hoje aí representados e unidos na veneração do seu imortal Apóstolo.

Enquanto Nós, como penhor das graças de Deus, vos damos com todo o afecto da Nossa alma a Bênção Apostólica.

(\*) *Discorsi e Radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol XIV, pág. 403-409.

---

